

TEATRALIDADE E MAGIA: um resgate da autoridade perdida

Fernando da Silva Reis (IC) e Bruna Suruagy do Amaral Dantas (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A presente pesquisa dedicou-se à análise das relações entre teatralidade, magia e autoridade na Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD) a fim de compreender se, e como, a teatralidade e a magia institucionalizadas são capazes de promover o resgate da autoridade da instituição e do líder religioso. Os objetivos específicos focaram-se na investigação das formas de teatralização da fé e manifestação da magia institucionalizada; dos sistemas litúrgico, teológico, simbólico e normativo que orientam o funcionamento institucional; e das relações entre os membros da igreja e seus líderes. Os dados foram coletados a partir da observação participante dos cultos, instrumento metodológico que permite ao observador aproximar-se da realidade como acontecimento espontâneo e dinâmico. A análise dos dados obtidos possibilitou a constatação de dois grandes momentos da celebração, que foram denominados o Grande Espetáculo e o Grande Ritual. Os cultos foram divididos em cinco etapas: Preparação para a Imersão, Manutenção da Imersão, Comprovação do Poder, Comércio Mágico e *Grand Finale*. Conclui-se que a IAPTD é um fenômeno híbrido e sincrético, visto que integra características das três ondas do pentecostalismo e apropria-se de simbologias da cultura judaica e do panteão das religiões afro-brasileiras com o propósito de comercializar amuletos e talismãs e oferecer serviços mágicos, que legitimam sua autoridade, com base em uma atuação cênica e na utilização de cenários e figurinos pré-estabelecidos, que a diferenciam dentro do extenso e competitivo mercado religioso.

Palavras-chave: Igrejas Apostólicas. Neopentecostalismo. Teatro.

ABSTRACT

The present article aims to analyze the relations between theatricality, magic and authority in the Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD) in order to understand if, and how, the institutionalized theatricality and magic are capable of promoting the rescue of institution and religious leader's authority. The specific goals has focused on the investigation of the theatricalization forms of faith and the manifestation of institutionalized magic; on the institutional functioning guided by liturgical, theological, symbolic and normative systems; and on the relations between members of the church and their leaders. The data were collected from active observations of cults, methodological instrument that allows the observer to approach the reality as a spontaneous and dynamic event. The analysis of the collected data

allowed the observation of two central moments of the celebration, denominated as the Great Show and the Great Ritual. The cult was divided in five steps: Preparation for Immersion, Immersion Maintenance, Proof of Power, Magic Trade and Grand Finale. In conclusion, the IAPTD is a hybrid and syncretic phenomenon, mixes the three waves of Pentecostalism and appropriates symbologies of Jewish and Afro-Brazilian's religions culture with the purpose of commercialise amulets and talismans and to offer magical services, that legitimise their authority, based on a scenic performance with pre-set scenarios and costumes, differentiating itself within the extensive and competitive religious market.

Keywords: Apostolic Churches. Neo-Pentecostalism. Theater.

1. INTRODUÇÃO

O pentecostalismo chegou ao Brasil no início do século passado por meio de duas denominações: Congregação Cristã, em 1910 e Assembleia de Deus, em 1911 (MARIANO, 2014). Denominado de pentecostalismo clássico ou primeira onda do pentecostalismo brasileiro¹, era “composto majoritariamente por pessoas pobres, de pouca escolaridade” e caracterizado “pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior” (MARIANO, 2014, p. 29), pelo “rígido dualismo igreja-mundo e espírito-matéria” (MATOS, 2006, p. 41), pela ênfase na glossolalia², na prática das profecias e na realização de milagres (SILVA, 2002; MARIANO, 2014).

Estas duas denominações cresceram rapidamente “por concentrarem-se em regiões de predomínio da pobreza, locais dificilmente alcançados pelas religiões já existentes” (FERREIRA, 2012, p. 1463), pois, conforme as premissas pentecostais, ser pobre e passar por dificuldades, perseguições e injustiças na vida terrena eram sinais da salvação (PASSOS, 2009). Além disso, outro fator que facilitou a expansão do pentecostalismo no Brasil foi o fato de “não se tratar de uma religião inteiramente estrangeira, já que contém elementos que são similares às práticas mediúnicas das religiões afro-brasileiras” (BOHN, 2004, p. 291).

No início dos anos 1950, novas igrejas pentecostais foram surgindo no país e passaram a ser classificadas como a segunda onda do pentecostalismo brasileiro ou deuteropentecostalismo (FRESTON, 1996; MARIANO, 2014), constituindo-se como as primeiras igrejas fundadas por líderes brasileiros (SOUZA, 2003). Entre elas, destacam-se a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é amor (1962). Além de possuírem similaridades teológicas com a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã, essas igrejas diferenciavam-se por serem menos sectárias, pois utilizavam meios de comunicação de massa, como o rádio – anteriormente rejeitados pelo pentecostalismo clássico – e enfatizavam a cura divina (TORRES, 2007; SILVA, 2008; PROENÇA, 2011), considerada “um de seus mais poderosos recursos proselitistas” (MARIANO, 2014, p. 31), o que propiciou uma maior aceitação e expansão destas denominações.

Foi na década de 1970 que surgiu a terceira onda do pentecostalismo brasileiro, também conhecida como neopentecostalismo (FRESTON, 1996; MARIANO, 2014), cujas principais características são a forte ênfase na tríade cura, prosperidade e libertação (MARIZ, 1995); a intensificação da guerra espiritual; a realização de práticas exorcistas; a pregação da teologia da prosperidade; a liberalização dos usos e costumes e a flexibilização da moral; a

¹ Termo desenvolvido por Freston (1996), que construiu uma tipologia do pentecostalismo brasileiro, dividindo-o em três ondas: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo.

² Corresponde ao dom de falar em línguas desconhecidas; também conhecido como “língua dos anjos”.

suavização do ascetismo e do sectarismo pentecostais e a organização das igrejas segundo modelos empresariais – racionalizados e padronizados – que costumam possuir finalidades lucrativas, sempre buscando a satisfação de seus clientes (MACHADO, 2001; SILVA, 2002; MARIANO, 2003; MARIANO, 2014); a adoção da confissão positiva³ como sistema de referência; a conversão do dinheiro e de objetos do cotidiano em mediadores do sagrado, utilizando-os em rituais mágicos (JUNGBLUT, 1997; ORO, 2006; MATOS, 2006); ataques massivos às religiões afro-brasileiras (MARIZ, 1995; JUNGBLUT, 1997; SILVA, 2005) e a utilização esporádica da Bíblia como forma de resolução de problemas (MATOS, 2006).

Esta terceira onda passou a utilizar os meios de comunicação de massa, especialmente os rádios e a TV, como forma de ampliar o alcance de suas mensagens, divulgando seus serviços e conquistando novos clientes. O proselitismo neopentecostal também se intensificou pela “capacidade de falar a mesma língua do povo, de construir um discurso sobre a mesma matriz cultural da religiosidade popular” (MARIZ, 1995, p. 41).

Recentemente, têm surgido no contexto brasileiro diversas igrejas neopentecostais que se autodenominam “apostólicas”. Estas novas instituições, embora possuam características similares às três ondas do pentecostalismo, apresentam traços que as distinguem das demais denominações: o líder da instituição é denominado de “apóstolo”, correspondendo à autoridade máxima da hierarquia eclesiástica; a inserção de práticas judaicas e veterotestamentárias⁴ em suas cerimônias litúrgicas; a presença de símbolos e objetos judaicos dentro da igreja, como a estrela de Davi, a arca da aliança e candelabros; a celebração de festas judaicas, como Purim, Festa dos Tabernáculos, Chanucá e ano-novo judaico; a crença em revelações, visões, milagres e profecias extrabíblicas, recebidos pelos apóstolos, que possuem o mesmo valor das presentes nas Escrituras e como sinais dos últimos dias; a liberdade dos movimentos corporais, manifestações emocionais, ações e posições como forma de adoração e oração; novos modos de agir do Espírito Santo, conferindo à liderança e aos fiéis novas unções e poderes sobrenaturais como nunca houve antes; cobertura espiritual⁵; nova visão escatológica, pois crê-se que a restauração do ofício apostólico é essencial para reparar a igreja e os cristãos, preparando-os para a *parousia*⁶ (LOPES, 2014a; LOPES, 2014b).

A ampliação e a diversidade do movimento evangélico no território brasileiro são notórias. Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

³ Movimento que ensina que a palavra e a crença positivas são indispensáveis ao acontecimento daquilo que se deseja. Sempre que o indivíduo fala acreditando positivamente naquilo que anuncia oralmente consegue transformar em realidade o que era apenas um desejo.

⁴ Refere-se aos livros do Velho Testamento.

⁵ Estar submisso à autoridade do apóstolo e, conseqüentemente, receber bênçãos e proteção de Deus.

⁶ Segunda volta de Cristo.

(IBGE) de 2010, quase um quarto da população brasileira (22,2%) é evangélica – apresentando um crescimento significativo em comparação com o Censo de 2000, que revelava a existência de 15,4% de evangélicos no Brasil. Considerando que nosso país possui, aproximadamente, 207 milhões de habitantes, o número de evangélicos alcança em torno de 46 milhões de pessoas. É relevante considerar que os evangélicos possuem expressiva assiduidade religiosa e baixo nível de sofisticação política, pois não têm o hábito de acompanhar notícias por meio de sistemas midiáticos diversificados, obtendo conhecimento e formulando suas opiniões a partir de outras fontes como familiares, amigos ou a autoridade religiosa. Verifica-se que há uma “relação linear negativa entre escolaridade e pertencimento à religião evangélica” (BOHN, 2004, p. 300).

Estes dados revelam a alta exposição desta população às autoridades religiosas, indicando a quantidade de fiéis que estão submetidos à autoridade eclesiástica, sob o poder de sua influência, sendo uma característica singular deste segmento religioso. Unindo o baixo nível de sofisticação política com a grande exposição à autoridade religiosa, conclui-se que os líderes dos fiéis e o espaço religioso se tornam “guias para a formação de opiniões e crenças” (BOHN, 2004, p. 312), transformando este público “num segmento altamente passível de mobilização por parte dos líderes evangélicos – *caso seja essa a decisão da hierarquia religiosa.*” (BOHN, 2004, p. 335, grifo do autor).

Haja vista o crescimento e a expansão desenfreada das igrejas evangélicas no Brasil, os efeitos dessas mudanças na sociedade brasileira, a assiduidade dos fiéis, a presença de representantes evangélicos na política, o impacto do discurso da autoridade religiosa na subjetividade de seus membros e as inúmeras inovações e mutações na doutrina, na teologia e no mercado (neo)pentecostal, considera-se necessário produzir estudos científicos que investiguem os impactos das novas denominações no campo religioso, na vida social, no sistema político e na subjetividade dos brasileiros.

A denominação escolhida para o desenvolvimento da presente pesquisa é a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD), fundada em 2006, pelo Apóstolo Agenor Duque e sua esposa Bispa Ingrid Duque. Esta igreja possui diversas franquias espalhadas pelo Brasil, tendo sua sede localizada em São Paulo, na Avenida Celso Garcia, 899, na região do Brás. Seus cultos ocorrem diariamente em três horários diferentes: o culto matutino inicia-se às 9h, o vespertino às 15h e o noturno às 19h – porém, podem ocorrer exceções, como por exemplo, dias com menos cultos ou sem cultos.

Esta instituição possui diversos meios para divulgar suas celebrações, produtos, serviços e testemunhos de clientes satisfeitos, desde as formas mais tradicionais, como: Rádio e TV; como novas tecnologias de comunicação de massa: *Facebook, Instagram,*

YouTube, aplicativo para *mobile* e para *Smart TV*; e o *site* da própria igreja, que possui rádio e TV *online*. Na IAPTD, figuras de grande destaque midiático, relevância política e *status* social aparecem nos púlpitos dando alguma mensagem, como, por exemplo, o prefeito João Dória e o Deputado Marco Feliciano. O Apóstolo Agenor Duque e a Bispa Ingrid Duque encontraram-se pessoalmente com o presidente Michel Temer para entregar-lhe uma bíblia e orar por ele e pelo Brasil.

Tendo em vista a complexidade desse novo movimento, sua expansão pelo país e sua inovação na produção de bens simbólicos para atender uma clientela religiosa sedenta por novidades (PASSOS, 2009), gerando novas formas de ser, viver, pensar, agir e se relacionar com o mundo e o sagrado, o presente trabalho visa analisar e compreender as relações entre teatralidade, magia e autoridade na IAPTD a fim de verificar se, e como, a teatralidade e a magia promovem o resgate e a legitimidade da autoridade do líder e da instituição religiosa que, segundo Arendt (1997), perdeu o prestígio na modernidade. Para isso, serão analisados as formas de teatralização da fé e as manifestações da magia institucionalizada; os sistemas litúrgico, teológico, simbólico e normativo que orientam o funcionamento institucional; as práticas e relações cotidianas; e as relações entre os membros da igreja e seus líderes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Na contemporaneidade, propagou-se o discurso de que os indivíduos estão livres das tradições e valores culturais, que devem pensar sempre em si, lutar por seus próprios prazeres e consumir de maneira desenfreada em busca de intensas satisfações (DUFOUR, 2014), almejando alcançar uma determinada aparência, que se sobrepõe à essência (DEBORD, 1997; GREUEL, 2008). Nesse contexto, se constituem pessoas consumistas, individualistas, narcisistas, hedonistas e dominadas pela cultura do espetáculo que almejam, a qualquer custo, reduzir suas angústias, eliminar suas incertezas e saciar seus desejos e prazeres no aqui e agora (SOUZA, 2003; GREUEL, 2008).

Essa nova forma de ser e se relacionar determinou o funcionamento das instituições – religiosas ou não –, moldando-as para atender aos desejos e demandas do indivíduo contemporâneo. A igreja que prevalece e se mantém na sociedade contemporânea do espetáculo adotou, como estratégia para sobreviver em um mundo onde tudo é líquido, consumível, descartável e substituível (BAUMAN, 2001; GREUEL, 2008), suavizar as pressões dos dogmas religiosos, a moralidade, o controle e a obediência às autoridades (CAMPOS, 2014).

Em decorrência do processo de secularização que desencadeou a perda gradativa da autoridade religiosa e a relativização dos dogmas e doutrinas teológicos, considerados até

então inquestionáveis e imutáveis, as igrejas evangélicas começaram a rever seus códigos, símbolos e práticas com vistas a obter maior aceitação na sociedade secularizada, atingindo, assim, o homem contemporâneo e conquistando novos adeptos (BERGER, 1985). Para assegurar o crescimento e a expansão das instituições pentecostais e neopentecostais, buscou-se não só a permanência daqueles que já estavam inseridos, mas também o ingresso de novos indivíduos em suas agremiações, mesmo que, para isso, fosse necessário renunciar às posições sectárias e às práticas ascéticas (FERREIRA, 2012). A secularização ocasionou o fim das religiões herdadas, das lealdades tradicionais e dos sistemas de crença convencionais (PIERUCCI, 2005), uma vez que o passado perdeu sua força e, por conseguinte, dissolveu-se a tradição (ARENDT, 1997).

Entretanto, secularização não corresponde ao declínio do sagrado nem ao desaparecimento das confissões religiosas, mas à emergência de expressões religiosas não-tradicionais, ao surgimento de formas plurais de transcendência, à privatização da fé, ao fim do monopólio religioso e à garantia de liberdade de escolha dos variados produtos simbólicos (PIERUCCI, 1997; SOUZA, 2003). Trata-se, portanto, de uma gradual perda da autoridade religiosa em um contexto social globalizado, no qual coexistem múltiplas efervescências e desencantamentos simultâneos (MALLIMACI, 2008). Presenciamos cotidianamente o surgimento de novas igrejas, sejam elas desdobramentos de denominações já existentes, que se dividiram em virtude de divergências doutrinárias, ou novas instituições com rituais sincretizados, dogmas relativizados e novas práticas religiosas que conferem ao sagrado novas configurações (SOUZA, 2003; MALLIMACI, 2008; GREUEL, 2008). As constantes novidades religiosas resultam da capacidade da sociedade contemporânea – secular, dessacralizada e desencantada – de reestruturar e recompor suas crenças, produzindo novas demandas religiosas e lançando no mercado da fé novos artefatos sagrados (MALLIMACI, 2008).

Na modernidade secularizada, a tradição é reincorporada em novos contextos, possibilitando sua permanência, mantendo sua importância, dando sentido ao mundo e criando sentimento de pertença. O declínio da autoridade da tradição não significa sua morte, mas a mudança em sua natureza e no papel que desempenha na sociedade e nos indivíduos (THOMPSON, 2008). Portanto, a nova maneira de viver o religioso consiste em “crer sem pertencer” (MALLIMACI, 2008, p. 125), o que caracteriza o enfraquecimento do poder e da autoridade da tradição.

A despeito da secularização e da progressiva racionalização da sociedade, observa-se um significativo crescimento das religiões mágicas em nossa sociedade “à custa do enfraquecimento das instituições religiosas tradicionais” (MARIANO, 1996, p.122). Em decorrência do enfraquecimento e da fragmentação da autoridade religiosa, desenvolveram-

se novos meios para tentar resgatá-la. No neopentecostalismo, há grande ênfase na crença mágica e na utilização da magia em seu meio litúrgico. Nos espaços neopentecostais, prevalece o pensamento de que existem figuras carismáticas⁷ – também conhecidas como magos ou feiticeiros – capazes de manipular forças sobrenaturais, ocultas, ou divinas, por meio de rituais ou conjuros⁸, para concretizar desejos específicos de seus clientes: curar, defender, atacar ou predizer o futuro (PIERUCCI, 2001; STARK e BAINBRIDGE, 2008; PROENÇA, 2011). Os que, eventualmente, procuram os magos e feiticeiros para a realização de seus desejos são conhecidos como clientes, não possuindo, “constância, nem regularidade, nem muito menos fidelidade” (PIERUCCI, 2001, p. 27).

Para a satisfação de seus clientes, os magos e feiticeiros oferecem dois tipos de magia: a branca e a negra; a primeira está associada a rituais que visam proteger, favorecer e beneficiar, já a negra visa prejudicar, lesionar e destruir. Eles também fabricam e oferecem aos seus clientes produtos mágicos: talismãs e amuletos; o primeiro tem como objetivo atrair a boa sorte, o segundo, proteger e repelir o mal. Para que a recompensa do cliente se concretize, é necessário que o ritual estipulado pelo mago ou feiticeiro seja executado à risca (PIERUCCI, 2001).

No contexto mágico, toda recompensa exige um custo para o indivíduo; porém, quando se deseja intensamente uma recompensa e ela não vem rápida e facilmente, recorre-se aos compensadores, que são definidos como “substitutos intangíveis para a recompensa desejada, tendo o caráter de dívidas, cujo valor deve ser aceito pela fé” (STARK e BAINBRIDGE, 2008, p. 48). Existem dois tipos de compensadores: os gerais e os específicos. Os compensadores gerais, oferecidos pela religião, baseados no sobrenatural, oferecem recompensas para questões amplas, como: a salvação eterna, santificação, o sentido e o propósito da vida e a vida após a morte. Os compensadores específicos são oferecidos pela magia e visam recompensas específicas e imediatas, como: a cura de uma determinada doença, a conquista de um determinado bem material, o novo emprego tão desejado (PIERUCCI, 2001; ORO, 2001; STARK e BAINBRIDGE, 2008). Quando o compensador se provar verdadeiro, tornar-se-á a recompensa desejada (STARK e BAINBRIDGE, 2008).

Além da magia e seus compensadores, as igrejas mágicas adotam a dramaturgia como recurso para afetar a audiência (CAMPOS, 1997). O líder eclesialístico possui a função de coordenador do espetáculo, é ele quem distribui os papéis de cada ator, faz manutenções

⁷ Indivíduos reconhecidos por alguma qualidade extraordinária que ultrapassa as qualidades humanas consideradas normais, ganhando *status* sobrenatural, divino e/ou mágico (PROENÇA, 2011).

⁸Conjuro é definido como: “invocação mágica proferida em tom autoritário para enxotar os demônios, as almas do outro mundo, os quebrantos, enguiços e bruxarias. Conjurador [...] é enfrentar o mal: postar-se na frente dele para barrar-lhe o caminho, vedando-lhe todo acesso...” (PIERUCCI, 2001, p. 20).

necessárias do espetáculo e, durante a apresentação, torna-se “o elo de ligação entre Deus e os homens” (CAMPOS, 1997, p. 101). Junto com o coordenador, há equipes de representação que têm como função intensificar e preservar a integridade do espetáculo, não permitindo que nada faça com que a plateia perca a sintonia com a apresentação, mantendo o público afastado de qualquer estímulo destoante daquilo que é representado, controlando o cenário e ocultando os segredos do espetáculo. Ademais, pessoas de confiança do coordenador, conhecidos como cúmplices, poderão estar no meio da plateia para incentivá-la a modificar seu comportamento e exercer determinadas ações preestabelecidas pelo coordenador (GOFFMAN, 1985; CAMPOS, 1997).

O desempenho do ator é medido pela sua capacidade de influenciar, de algum modo, a plateia. Em busca do desempenho satisfatório, o ator utilizará equipamentos expressivos selecionados para a realização de sua representação. Estes equipamentos – mobília, decorações e outros objetos específicos que são estrategicamente selecionados e espalhados pelo local fixo onde o ator entrará para desempenhar seu papel e realizar o espetáculo – são conhecidos como fachada ou cenário. É fundamental que haja coerência entre todas estas instâncias para que a representação seja eficiente (GOFFMAN, 1985).

3. METODOLOGIA

No presente trabalho científico, adotou-se como metodologia o modelo qualitativo, que explora um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois pretende-se compreender o universo dos “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, correspondendo “a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2003, p. 22).

Como instrumento metodológico, utilizou-se a observação participativa; técnica que favorece o contato direto do pesquisador com o grupo a ser estudado, possibilitando a obtenção de “informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, 2003, p. 59), a participação da dinâmica institucional e das relações intersubjetivas, a descoberta de dados que não poderiam ser apreendidos apenas por meio de perguntas. Foram realizadas 13 visitas institucionais e, após cada uma delas, elaboraram-se Diários de Campo descrevendo com detalhe os acontecimentos durante as celebrações: a dinâmica entre os participantes do culto antes do início da cerimônia; as músicas tocadas e suas mensagens; os testemunhos de fiéis que haviam recebido algum milagre; as orações; as pregações; o pedido de ofertas e dízimos; a realização dos rituais mágicos e a comercialização de produtos ungidos.

O projeto de pesquisa originalmente previa a realização de oito entrevistas semiestruturadas, quatro com fiéis da igreja e quatro com indivíduos que ocupassem algum cargo hierárquico na instituição. Entretanto, em razão das dificuldades enfrentadas e dos obstáculos que se levantaram, optou-se por aprofundar as observações participantes e desistir das entrevistas. A liderança eclesiástica demonstrou claro descontentamento, desconfiança e hostilidade em relação à presença de pesquisadores na igreja, criando impedimentos ao desenvolvimento da pesquisa empírica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise dos dados obtidos a partir das observações participativas, foram identificados dois eventos principais durante toda a representação mágica da IAPTD: o Grande Espetáculo, que diz respeito à cerimônia religiosa como um todo; e o Grande Ritual, que ocorre ao final do Grande Espetáculo e refere-se ao conjunto de ações pré-estabelecidas e à utilização de determinados bens simbólicos que têm como intuito a aquisição de uma determinada recompensa específica prometida inicialmente. O Grande Espetáculo possui, em média, quatro horas e trinta minutos de duração; entretanto, dependendo do evento, a duração pode se estender. Para os atores-magos, equipe de representação e clientes-espectadores, o Grande Espetáculo é chamado de “Campanhas”, ocorrendo semanalmente em um dia específico durante um período pré-determinado de tempo. Cada Grande Espetáculo possui um tema próprio – prosperidade, cura ou libertação –, cenário e figurino relacionados com o tema.

Todo espetáculo da IAPTD pode ser dividido em cinco etapas: 1) Preparação para a Imersão, que ocorre antes do início do Grande Espetáculo e tem como objetivo introduzir a plateia na representação, combatendo qualquer pensamento destoante e induzindo-a a focar toda sua atenção nos estímulos selecionados pelo coordenador do espetáculo; 2) Manutenção da Imersão, momento em que se inicia o Grande Espetáculo por meio de atores que desempenham o papel de músicos e visam manter a plateia imersa na representação, sem perder a sintonia grupal, intensificando o contágio e desafiando-a a emitir comportamentos que comprovem sua imersão; 3) Comprovação do Poder, fase em que a figura carismática entra em cena e persuade a plateia sobre a eficiência de seu poder mediante a prática de orações, a realização de profecias e a conjuração de magias; 4) Comércio Mágico, momento em que a figura carismática, após comprovar seu poder, comercializa amuletos e talismãs consagrados por ele ao vivo, realiza rituais mágicos e recolhe contribuições financeiras de sua plateia, gerando o ápice da catarse, até então; e o 5) *Grand Finale*, momento em que o Grande Ritual será realizado.

A Preparação para a Imersão ocorre antes do cliente-espectador entrar no ambiente em que ocorrerá o Grande Espetáculo. Na entrada da sede da IAPTD, há um grande caderno em cima de uma mesa em que os clientes-espectadores podem escrever seus nomes e seus pedidos. Ao lado deste caderno, um mago-ator da equipe de representação, com um figurino específico, desempenha um papel ritualístico: unge com óleo as mãos dos membros que entram na instituição e, após ungi-los, se necessário, entrega a eles algum talismã ou amuleto que será utilizado durante o Grande Ritual. No Grande Espetáculo da “Sexta-Feira Forte com a Quebra das Alianças”, na entrada da instituição, o mago-ator, que usava como figurino uma camiseta polo preta, com a inscrição “Sexta-Feira Forte” na parte de trás e o símbolo da IAPTD no peito, ungia as mãos dos clientes-espectadores e lhes distribuía dois anéis de plástico entrelaçados, um da cor azul e outro dourado. O cliente-espectador, durante o Grande Ritual, deveria quebrar esses anéis para que toda “maldição” que estivesse em sua vida fosse “quebrada”. O espetáculo se inicia na porta da instituição.

Após passar pelo primeiro ator até chegar ao recinto onde o Grande Espetáculo ocorrerá, os clientes-espectadores atravessam um extenso corredor que contém *banners* divulgando atividades da IAPTD, seus canais de rádio e TV, pedidos de doações, ofertas e dízimos; uma sala em que podem inscrever-se para um retiro espiritual; uma loja de roupas na qual se vendem vestimentas e acessórios da grife Duquesa, própria da Bispa Ingrid Duque; a livraria da IAPTD, onde se vendem livros escritos pelo próprio Apóstolo e pela sua esposa, CD's com as músicas preferidas do Apóstolo, entre outros livros e CD's de músicas evangélicas. Além disso, vendem-se, também, miniaturas da Arca da Aliança, do Candelabro, estolas e pequenos frascos com essências, cada um com nome próprio e função específica, como vida sentimental, revestimento de poder, prosperidade, cura, libertação, entre outros.

Ao adentrar no local do Grande Espetáculo, o cliente-espectador depara com um enorme cenário capaz de alocar alguns milhares de indivíduos. O palco é alto e largo, semelhante aos palcos de teatros. Em cima do palco, há uma grande representação da Arca da Aliança e do Candelabro assim como da Estrela de Davi no chão do palco. Identificam-se ainda taças douradas em cima de uma mesa coberta por um manto branco, cadeiras com estofados vermelhos com adornos dourados, instrumentos musicais e um telão que ocupa quase toda a extensão da parede do fundo do palco – que separa o cenário dos bastidores por duas entradas laterais – e dois telões em cada lateral do palco, para que, aqueles que não se assentaram em locais privilegiados, não percam nenhum detalhe do Grande Espetáculo e do Grande Ritual que serão transmitidos ao vivo pelos *cameramen* posicionados estrategicamente pelo cenário.

Nos telões, antes do início do Grande Espetáculo, passam clipes musicais evangélicos, propagandas de serviços mágicos, comercialização de talismãs e amuletos e

pedidos de doações, contribuições e dízimos. Sempre que um vídeo acaba, inicia-se outro imediatamente. Além disso, duas filas de clientes-espectadores, uma em cada lado do palco, se formam para receber serviços mágicos dos magos-atores. Um de cada vez, os clientes-espectadores aproximam-se da figura carismática e fazem seu pedido. O mago-ator prontamente os atende. Não há pedido impossível. Eles conjuram sua magia, impõem suas mãos na cabeça do cliente-espectador, assopram em seus rostos, gritam, utilizam-se da glossolalia e movimentam-se de forma extática. Durante este ritual, o cliente-espectador vê-se contagiado pelos poderes do mago-ator podendo chorar, gritar, falar em línguas estranhas, manifestar possessão, perder o equilíbrio e ir ao chão.

Dependendo do tema, o cenário poderá ser montado com estímulos selecionados que remetem ao Grande Espetáculo e ao Grande Ritual do dia. No Grande Espetáculo da “Pesca Maravilhosa”, havia um navio, com velas e âncora, em cima do palco. Ao lado deste navio, uma grande ostra com uma pérola branca dentro. Tecidos da cor azul, que iam do teto ao chão, estavam colados na parede do palco. Peixes, estrelas-do-mar e cavalos-marinhos foram colados sob os panos e ao longo da parede. A iluminação possuía uma coloração esverdeada, dando a sensação do reflexo da água do mar. Um cenário teatral perfeito para a realização do Grande Espetáculo e do Grande Ritual.

Na fase da Manutenção da Imersão, o Grande Espetáculo inicia-se com os atores que desempenham papéis relacionados a performances musicais, os quais entram em cena pela passagem lateral dos bastidores que dá acesso ao palco. Cada ator se posiciona em seu respectivo instrumento e o *cameraman* entra em ação, focalizando nas partes principais da representação e projetando-as nos telões do cenário. Imediatamente, atores da equipe de representação começam a andar pelos corredores, olhando para a plateia, cantando em alta voz, batendo palmas no ritmo da música, aproximando-se daqueles que não aparentam estar prestando atenção ao espetáculo musical a fim de contagiar a plateia e estimulá-la a repetir o comportamento de seu animador. Quando alguém senta, um membro da equipe vai até a pessoa e pede para que se levante. Quando alguém não bate palmas, aproximam-se dele, animados, batendo palma e cantando alto. Quando a plateia demonstra estar dispersa, todos da equipe de representação começam a bater palmas mais forte, cantar mais alto, andar em volta das cadeiras onde as pessoas estão sentadas, num pedido para que todos sigam seu exemplo. Isto, se necessário, sucede-se em todas as músicas.

No Grande Espetáculo da “Sexta-Feira Forte no Vale do Sal”, quando os atores da banda entraram em cena, aquele que representava o papel de cantor pediu para que a plateia se levantasse, aplaudisse a Jesus, desse um “sorriso bonito para o irmão” (sic) que estivesse ao seu lado e o cumprimentasse. A equipe de representação já estava posicionada nos corredores e a banda começou a tocar uma trilha sonora, enquanto o cantor questionava sua

plateia: “Alguém veio adorar?” (sic). A plateia gritou palavras que julgou ser apropriadas para afirmar ao cantor que estava disponível para a adoração. Então, iniciou-se a primeira música. Quase todos os membros da plateia estavam de olhos fechados, braços levantados e as mãos abertas. Após a primeira música, o cantor, novamente, questionou: “Respondam com sinceridade, tem adorador nesta tarde?” (sic). A plateia gritou em concordância. Diversas vezes, ao longo das demais canções, o cantor colocou à prova o entusiasmo da audiência, duvidando e perguntando se havia adorador ali ou não e, em todas elas, os fiéis tentavam provar que sim. Além disso, o cantor dava ordens a serem seguidas durante as canções, pedia para que levantassem as mãos, repetissem determinada palavra ou frase, batesse palmas no ritmo da música. Todas essas ações foram auxiliadas pela equipe de representação, que não permitiu que ninguém da plateia ficasse fora de sintonia.

Durante as músicas, inicia-se a Comprovação do Poder. O mago-ator principal entra em cena pelos bastidores com microfone em mãos, cantando a música que está sendo tocada, assumindo o andamento do Grande Espetáculo, elevando o contágio da plateia. Enquanto os atores músicos tocam, o mago-ator, com sua voz potente, começa a orar e a guiar as orações da plateia. Ao finalizar as orações, os atores musicais se retiram, uma trilha sonora permanece ao longo da representação e o mago-ator começa a chamar pessoas que foram curadas durante a oração para testemunharem. Durante este processo, começa a conjurar magias, a profetizar, receber mensagens diretas do próprio Deus, emitir comportamentos extáticos e utilizar-se da glossolalia.

No Grande Espetáculo da “Corrente dos 70”, após o mago-ator principal assumir as rédeas do espetáculo, incentivava que os clientes-espectadores pedissem a Deus para que Ele os incendiasse e gritava: “Seja cheio, seja renovado, fale em línguas, levante as tuas mãos e dá glória! Dá aleluia!” (sic). Neste momento, a trilha sonora se intensificava, manifestações foram acontecendo, pessoas entravam em êxtase, tremiam, caíam no chão, falavam em línguas e choravam. Imediatamente, como forma de legitimar seu poder e autoridade, conjurou sua primeira profecia dizendo que os integrantes da plateia foram escolhidos a dedo pelo próprio Deus para estarem ali presentes e que Ele iria abençoá-los naquele dia, quebrando todas as maldições. A plateia se contagiava e começava a evocar palavras mágicas capazes de homologar o conjuro: “Eu recebo!” (sic), “Tomo posse” (sic), “Eu creio!” (sic).

Após a primeira profecia, o mago-ator começava a orar e guiar a plateia na oração: “Eu já não aguento mais a luta, a prova, a dificuldade, o deserto, eu já não aguento mais o câncer, o mioma, o caroço, o desemprego, as portas fechadas” (sic). Imediatamente, os clientes-espectadores pegaram fotos de pessoas – tanto impressas quanto armazenadas no celular – carteiras de trabalho e documentos, levantaram para cima e começaram a orar

crendo que, por intermédio desse ritual, as pessoas da foto seriam abençoadas, conseguiriam empregos e suas causas na justiça seriam vencidas. Em todo momento, o mago-ator pedia para que a plateia falasse em línguas estranhas ou adorasse de outra forma, sempre fazendo de tudo para que a ilusão do espetáculo não se desfizesse. Repetiu diversas vezes que “se for pra ficar de boca fechada pode ir embora” (sic). Sua oração se baseou em clamar para que Deus visitasse a casa de cada um e que quebrasse “as obras de macumbaria” (sic). Pedia para que, no final da oração, os espectadores da plateia gritassem “Eu creio!” três vezes, como um ritual mágico que ratificaria os pedidos da oração. Todos gritaram intensamente.

Após a oração, solicitava que quem tivesse sido curado naquele momento fosse à frente para testemunhar. Rapidamente, a equipe de representação começou a andar pelos corredores, gritando: “Quem foi curado? Cadê você? Quem sentia dores e não sente mais?” (sic). Algumas pessoas levantaram as mãos e foram guiadas até a frente do palco para testemunhar. O cliente-espectador contava o milagre alcançado para um ator da equipe de representação, que o recontava em alta voz e de forma cênica, no microfone para que toda a plateia escutasse. Muitos alegaram receber curas de dores corporais, caroços que sumiram, outros testemunhavam milagres que haviam acontecido durante a semana, como a conquista de um emprego, a aquisição de um carro, entre outras recompensas.

Durante todo o Grande Espetáculo, o mago-ator falava: “Se estão me ouvindo digam ‘amém’” (sic) e a plateia gritava: “Amém!” (sic). Isso ocorria como estratégia para não permitir que nenhum membro da audiência perdesse o foco do que era dito e, além disso, como forma do mago-ator avaliar o grau de sintonia do público. Se por acaso ficasse insatisfeito com a resposta da plateia, pedia para que gritasse mais alto.

Ao longo do Grande Espetáculo, o mago-ator assemelhava-se a um maestro, regendo tudo o que acontecia. Rapidamente levantava os braços sinalizando para aumentar a trilha sonora, depois pedia para que abajassem ou mudassem; que aumentassem o volume de seu microfone, depois abajassem; que tocassem determinada música; pedia para o *cameraman* focar aqui ou ali. Além disso, diversas vezes o mago-ator aparentava ficar tonto, perdendo o equilíbrio e quase caindo, alegando que a glória de Deus estava muito forte sobre ele.

Ademais, o mago-ator compartilhou diversas profecias reveladas diretamente por Deus, levando o público ao delírio, como: “Deus me trouxe aqui nesta tarde pra dizer pra você que esse deserto acaba hoje [línguas estranhas], essa luta acaba hoje [línguas estranhas], essa tempestade⁹ se acalma hoje e o nome dEle é glorificado. Vai ter anjo visitando sua conta bancária [...] Deus falou pra mim agora que vai aparecer dinheiro na sua conta bancária. Deus

⁹ Passar pelo “vale”, pela “tempestade” ou pelo “deserto” são jargões pentecostais que se referem a um momento de provações no qual o indivíduo não é capaz de encontrar solução para seu problema e/ou sofrimento.

está dizendo: ‘Eu vou apagar o seu nome do SPC e do SERASA!’” (sic). Desafiou o público: “Alguém aceita sofrer mais um pouquinho? Aceita a luta mais um pouco? Então, diga: ‘É hoje! É hoje que a prova vai acabar!’” (sic). Confirmou sua autoridade: “Eu estou pregando para você debaixo da graça de Deus. A provisão vai chegar ou então eu nunca fui homem de Deus” (sic). Sempre no final de cada uma dessas frases, a trilha sonora aumentava, todos os espectadores pulavam, emitiam palavras mágicas e choravam. Diversas vezes, o mago-ator dizia que o milagre que Deus havia programado para acontecer daqui a semanas, meses ou anos, iria acontecer daqui a 70 horas, sendo esta a conquista prometida por meio do Grande Ritual do dia.

Após comprovar seu poder à plateia, dá-se início o Comércio Mágico. O mago-ator convoca a equipe de representação a se posicionar estrategicamente pelo cenário, carregando produtos que estão disponíveis para serem comercializados naquele dia, sacos para depositar o dinheiro e máquinas de cartão de crédito para quem não possui a quantia necessária em mãos. Para validar a eficiência de seu produto, o mago-ator utiliza-se de alguns trechos bíblicos e desafia a plateia.

No Grande Espetáculo das “Sete Terças-Feiras da Queda das Muralhas”, a magatriz, trajada com roupas camufladas como o uniforme do exército, questiona o público: “Quem aqui é ladrão? Ladrão. Tem ladrão aqui?” (sic) – enquanto fuzilava a todos com o olhar. “Porque quem não dá o dízimo rouba a Deus! É ladrão!” (sic). Começou a dizer que, quando alguém pensa em não dar o dízimo para pagar as dívidas, é Satanás que está induzindo seus pensamentos. Falou para que os clientes-espectadores não pagassem suas dívidas com o dinheiro do dízimo, pois, se o fizessem, estariam roubando a Deus e se tornando ladrões. Após isso, chamou os obreiros para que se posicionassem em frente ao palco com os envelopes do dízimo e, dentro destes envelopes, havia cinco sementes de mostarda. Leu a passagem em que Cristo afirma que se tivéssemos a fé do tamanho de um grão de mostarda moveríamos montanhas. Alertou que só quem fosse dar o dízimo poderia pegar aquele envelope com as sementes. Disse que, quem fizesse esse ato de fé, no dia seguinte poderia ir à sua agência bancária falar com o gerente e pedir para financiar sua casa própria; porém, teria que jogar a semente de mostarda na mesa do gerente para que Deus favorecesse o crescimento dos frutos. Depois disso, houve uma trilha sonora enquanto os clientes-espectadores se levantavam para ir pegar os envelopes. Aqueles que não levantavam eram incentivados a ir pelos membros da equipe de representação. Além deste produto, a magatriz começou a comercializar fitas da cor vermelha que, segundo ela, representavam o sangue de Cristo. Estas fitas serviriam como amuletos protegendo qualquer pessoa, objeto ou lugar em que o cliente-espectador a amarrasse. Se amarrasse no corpo, não ficaria doente; se deixasse no carro, ele não seria roubado; e se deixasse na janela da casa, ninguém a

invadiria. Após o comércio, membros da equipe trocaram seus figurinos para mantos prateados e brilhantes e carregaram pela igreja a Arca da Aliança enquanto outros membros da equipe tocavam trombetas. Imediatamente, vários clientes-espectadores correram em direção à Arca da Aliança para tocá-la.

Após a venda dos amuletos e/ou talismãs, chega o momento mais esperado por todos os clientes-espectadores, o *Grand Finale*. É nesta última etapa do Grande Espetáculo que ocorrerá o serviço mágico do Grande Ritual. O mago-ator, após preparar toda a plateia para esse momento, começa a organizar o cenário e a equipe de representação para que o Grande Ritual se inicie. São explicados aos clientes-espectadores os procedimentos para participarem. Em alguns casos, basta se aproximar e realizar o ritual. Em outros, é necessária alguma contribuição financeira.

Durante o Grande Ritual do Grande Espetáculo da “Sexta-Feira Forte: Rosa de Saron – A Quebra da Maldição”, o mago-ator, aos gritos, descreveu detalhadamente toda dor, perseguição, sofrimento e angústia que Cristo sofreu ao morrer por “culpa” (sic) de todos que estavam ali presentes, enquanto cenas de Jesus sendo açoitado e crucificado, do filme “A Paixão de Cristo”, passava no telão atrás dele. Na sequência, pediu para que a equipe de representação trouxesse os amuletos que seriam comercializados e utilizados durante o *Grand Finale*. Rapidamente, a equipe lhe levou diversas rosas que seriam consagradas ao vivo e, segundo o mago-ator, adquiririam o poder de atrair para si toda maldição e/ou demônios que pudessem estar presentes em alguém ou em algum lugar. Entretanto, para que os clientes-espectadores pudessem adquirir este amuleto, precisariam subir ao palco e comprá-lo. O mago-ator iniciou sua oferta no valor de mil reais. Seguindo a lógica de “quanto maior o sacrifício maior a recompensa”, clientes-espectadores sobem ao palco para adquirir a rosa, pois “a dimensão da graça esperada guarda relação com a quantidade ofertada” (ORO, 2001, p. 83). Ao perceber que não havia mais pessoas dispostas a comprar o amuleto por mil reais, o mago-ator abaixou o preço para quinhentos reais, depois trezentos, duzentos e cem, sucessivamente. Quando percebia que a plateia estava resistente em adquirir a rosa, o mago-ator começava a descrever tudo o que poderiam fazer com ela: se havia alguma doença de pele, poderiam se lavar durante o banho com as pétalas da rosa e seriam curados; se fosse alguma moléstia interna, poderiam comer as pétalas ou preparar um chá com elas; caso fosse um problema com terceiro, poderiam oferecer o chá a ele e o problema seria resolvido.

Em certo momento, uma cliente-espectadora que foi adquirir a rosa manifestou um demônio que o mago-ator diagnosticou como sendo do panteão afro-brasileiro. Ele, prontamente, pegou uma das rosas ungidas, chamou a atenção da plateia e demonstrou um dos poderes do amuleto. Disse que, quando contasse até três, o demônio que estava dentro da cliente-espectadora sairia e entraria na rosa. Contou até três, deu um passo pra trás como

se recebesse um empurrão e a cliente-espectadora já não estava mais possessa. Não satisfeito, disse que, quando contasse até três e balançasse a rosa em direção à cliente-espectadora que já estava liberta, o demônio voltaria para ela. Dito e feito. Após a contagem e a balançada, o demônio voltou para o corpo da mulher e ela voltou a se contorcer. Depois, o mago-ator solicitou que a equipe de representação orasse pela cliente-espectadora para que o demônio fosse expulso, afinal, ela não havia comprado a rosa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como na contemporaneidade a secularização e a perda da tradição gerou o fim das religiões herdadas e o enfraquecimento da autoridade e do poder das instituições cristãs tradicionais, o cliente-espectador contemporâneo não se vê mais na obrigação de seguir as normas institucionais, muito menos vê necessidade de filiar-se a uma instituição que o fará sentir-se culpado ou lhe exigirá que renuncie seus prazeres e desejos para alcançar uma condição espiritual mais elevada ou uma suposta salvação. Os diversos clientes-espectadores presentes na IAPTD recorrem aos Grandes Espetáculos e aos Grandes Rituais como um pronto-socorro mágico, almejando conquistar seus desejos, mesmo sendo clientes-espectadores de outras instituições cristãs. Atualmente, eles optam por frequentar igrejas menos sectárias e ascéticas; que se moldam aos seus anseios, com discurso eficiente e capaz de amenizar as angústias e incertezas geradas pela contemporaneidade; e que foquem em compensadores específicos, prometendo dar a eles as recompensas desejadas, caso consumam serviços ou produtos mágicos, seguindo fielmente o ritual pré-estabelecido pelo mago-ator.

Constatou-se que a Igreja Plenitude do Trono de Deus apresenta em suas doutrinas o hibridismo das três ondas do pentecostalismo, privilegiando as características mais eficazes para a realização de seu espetáculo: ênfase nos dons espirituais e nas práticas exorcistas como forma de legitimar o poder e a autoridade do mago-ator; suavização do ascetismo e do sectarismo cristão para maior aceitação e permanência de seus clientes-espectadores; pregação da teologia da prosperidade, que visa alcançar os indivíduos contemporâneos que desejam receber as benesses divinas no aqui e agora; utilização do dinheiro e outros objetos em rituais mágicos, que funcionam como mediadores do sagrado, para a comercialização de amuletos/talismãs e serviços mágicos; utilização de meios de comunicação de massa para divulgar seus serviços e produtos mágicos, atraindo mais consumidores.

Além disso, no mercado religioso competitivo, as instituições e seus líderes precisam se destacar das demais igrejas para poder atrair a clientela. Existem três principais características da IAPTD que a diferenciam de suas concorrentes: o acréscimo do título

“apóstolo” em seu líder eclesiástico, criando um nível hierárquico acima dos “pastores” e “bispos”; a utilização de elementos simbólicos do judaísmo em suas cerimônias e rituais – objetos, vestimentas ou datas comemorativas; e a exacerbação de equipamentos expressivos no cenário, movimentos corporais dramáticos e manifestações performáticas durante a representação. A primeira característica legitima a autoridade e o poder mágico do Apóstolo e seus pupilos, posicionando-os acima dos demais magos-atores das instituições concorrentes; a segunda amplia o espectro de produtos e serviços mágicos oferecidos por esta instituição, atraindo mais clientes-espectadores; e a terceira cria um ambiente propício para o contágio do transe religioso, fazendo com que o cliente-espectador sinta-se invadido pelo sagrado. Essas características são inovações neopentecostais que funcionam como estratégias de *marketing*.

Portanto, por meio dos serviços e produtos mágicos, a IAPTD tornou-se uma empresa do sagrado, sempre inovando e criando novos bens simbólicos e rituais mágicos capazes de realizar os desejos de uma clientela sedenta por novidades, contribuindo, assim, para ampliar a concorrência no mercado religioso. O teatro, em razão de sua capacidade de interligar o real e o imaginário, é fortemente utilizado em seus cultos para legitimar o poder e a autoridade do líder eclesiástico, assegurando aos clientes-espectadores a presença do sagrado e a visibilidade do invisível.

Antigamente, aqueles que frequentavam instituições religiosas obedeciam às figuras eclesiásticas simplesmente pela autoridade que sua posição lhes outorgava. Atualmente, é necessária a construção de um espetáculo, incrementado com rituais mágicos, para que a plateia veja naquele indivíduo, um ser dotado de poderes sobrenaturais, capaz de manipular o visível e o invisível, fazendo com que aqueles que o seguem, curvem-se perante uma autoridade construída mágica e cenicamente. Com as luzes, músicas, coreografias, atores e membros em êxtase, o líder religioso, durante as cerimônias e rituais, ergue-se, fica ereto, apresenta gesticulações expressivas, emposta a voz, faz um jogo de cena, performance e magia, transformando o espaço litúrgico num cenário teatral perfeito para legitimar seu poder e autoridade.

6. REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERGER, Peter. Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BOHN, S. R. Evangélicos no Brasil: Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opinião Pública*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 288-338, 2004.

CAMPOS, Leonildo. Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

_____. Megachurches, Megatemplos e “Concentrações de Fé”: a espiritualidade de evangélicos brasileiros na “Sociedade do Espetáculo”. In: MOREIRA, A. S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. G. (Org.). *A religião entre o espetáculo e a intimidade*. Goiânia: PUC Goiás, 2014.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEFOUR, Danny-Robert. *Capitalismo, Religião e Espetáculo*. In: MOREIRA, A. S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. G. (Org.). *A religião entre o espetáculo e a intimidade*. Goiânia: PUC Goiás, 2014.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos Ferreira. Pentecostalismo e secularização: da rigidez doutrinária ao pluralismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1458-1472, 2012.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios*. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GREUEL, Sigolf. *Religião e Religiosidade na Pós-Modernidade*. 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2008.

IBGE. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

JUNGBLUT, Airton Luís. A guerra santa de evangélicos contra o neopentecostalismo. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 46-52, 1997.

LOPES, Augustos Nicodemus. *Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014a.

_____. Os Precursores do Moderno Movimento de Restauração Apostólica. *FIDES REFORMATA*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 35-47, 2014b.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Além da Religião. *Cadernos CERUS*, v. 12, n. 2, p. 139-150, 2001.

MALLIMACI, Fortunato. Excepcionalidad y secularizaciones múltiples: hacia outro análisis entre religión y política. In: MALLIMACI, F.; BASTERRETXEA, I. *Religión y política: perspectivas desde América Latina y Europa*. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. *Revista USP*, São Paulo, v. 1 n. 31, p. 120-131, 1996.

_____. Guerra Espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 21-33, 2003.

_____. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2014.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006.

MARIZ, Cecília Loreto. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 3, n. 13, p. 37-52, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *ILHA*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 71-85, 2001.

_____. O neopentecostalismo macumbeiro. *REVISTA USP*, São Paulo, v. 1, n. 68, p. 219-332, 2006.

PASSOS, Paulo. Neopentecostalismo na mentalidade do povo brasileiro: um deslocamento da fé para o mercado. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 07, n. 15, p. 167-177, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e Dessecularização: a propósito do autoengano em Sociologia da Religião. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 1, n. 49, p. 99-117, 1997.

_____. *A magia*. São Paulo: Publifolha, 2001.

_____. *Em busca da forma elementar da modernidade religiosa (uma primeira tentativa)*. Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, Minas Gerais, 2005.

PROENÇA, Wander de Lara. *Sindicato de mágicos: uma história cultura da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2007)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVA, Drance Elias da. Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. *INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 3, n. 3, p. 169-188, 2008.

SILVA, Pedro Fernando. *O neopentecostalismo e a ideologia da racionalidade tecnológica: a instrumentalização da religião*. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. *REVISTA USP*, São Paulo, v. 01, n. 67, p. 150-175, 2005.

SOUZA, Ludimila Maria Noronha. *Epifanias: O Espetáculo do Sagrado*. 2003. 125 f. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social – UFJF, Juiz de Fora, 2003.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.

THOMPSON, John. Brookshire. *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

TORRES, Roberto. O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica. *Perspectivas*, São Paulo, v. 1, n. 32, p. 85-125, 2007.

Contatos: fernandoreis042@gmail.com e brunasuruagy@gmail.com